



European Trade Union Confederation (ETUC)
Confédération européenne des syndicats (CES)

Resolução da CES sobre o agravamento da crise - A Europa em Risco

Aprovada na Comissão Executiva em 1-2 de Junho 2010

1. Foi sempre evidente que, após a reacção inicial e geralmente positiva da UE e do G20 à crise financeira de 2008, a próxima tarefa difícil seria conseguir uma saída da elevada despesa pública (as medidas de estímulos) para níveis mais normais da dívida pública. O défice público aumentou de 2,3% do PIB em 2008 para 7,5% em 2010, com a dívida pública/ PIB a subir de 61,6% do PIB em 2008 para 80% em 2010. O desemprego deverá atingir os 10,3% até o final de 2010. Inicialmente a Comissão Europeia previu o início deste processo de saída em 2011, desde que o crescimento no sector privado compensasse os cortes no sector público.

Pânico

2. Mas os acontecimentos - especialmente os especuladores nos mercados - mudaram de forma rápida, o que provocou pânico nos Governos. Têm sido adoptadas estratégias de saída prematuras por parte de alguns países Europeus que pareciam estar em risco de insolvência. A Grécia, em primeiro lugar, agora a Espanha e Portugal viram-se ameaçados desta forma, juntando-se à Roménia, à Irlanda, à Islândia, à Hungria, aos Países Bálticos e agora ao Reino Unido, à Itália e à Alemanha na redução das despesas públicas, dos apoios sociais e de várias condições de trabalho. O resultado, em alguns países, é uma onda de greves gerais e de agitação social.

3. A resposta da UE ao agravamento da crise tem sido hesitante e incerta. A zona euro revelou-se inicialmente demasiado lenta para se proteger a si própria e aos seus Estados-Membros em dificuldades. As negociações com a Grécia, foram extensivas e desnecessariamente humilhantes para a Grécia, os termos acordados, foram muito duros, demasiado severos, e poderão muito bem ter destruído as perspectivas de crescimento do país durante anos. A CES reconhece que actualmente o governo grego e a população não têm alternativa para escapar ao plano de austeridade, mas considera que, oportunamente, mais cedo do que se espera, seja adicionado ao pacote um elemento extra de crescimento e de criação de emprego.

4. Os termos do acordo com a Grécia forneceu grande parte da base para o posterior acordo dos ministros das Finanças da UE sobre um fundo de estabilidade alargado dirigido aos países membros da zona euro em dificuldades. Novamente, as condições de ajuda são muito difíceis, certamente destinadas a dissuadir os candidatos, incentivando-os a desenvolver a sua própria rota de fuga do elevado endividamento desta recessão.

5. Nestas circunstâncias, a CES apela às autoridades Europeias que unam forças na sua insistência em estratégias de saída resistentes, acompanhadas de novas estratégias de entrada visando o crescimento e a diminuição do desemprego. Os fundos foram disponibilizados na Zona Euro para reduzir as despesas financeiras e para apoiar os bancos, mas a dimensão do crescimento tem sido pouco abordada.

A necessidade de crescimento

6. Assim a CES reitera o seu pedido de um Plano Europeu de Relançamento da Economia com Novos Acordos Ambientais e Sociais equivalente a 1% do PIB Europeu para estimular o emprego, o investimento e o crescimento. Europa precisa de enormes investimentos em novas tecnologias limpas nos domínios da energia, transportes e construção, entre outros sectores, e necessita igualmente de novas políticas industriais para impulsionem a produção na Europa. O mito de que as sociedades poderiam tornar-se pós-industriais e viver dos serviços, designadamente dos serviços financeiros, tem sido exaustivamente destruído.

7. O Plano Europeu de Recuperação deveria também incluir:
 - Uma regulação robusta dos mercados financeiros – a decisão da Alemanha de banir a venda a descoberto de títulos é uma medida bem-vinda, assim como as decisões do Conselho Europeu e do Parlamento Europeu sobre os fundos especulativos e de investimento privado;

 - Novas fontes de tributação, em especial a introdução de uma taxa sobre as transacções financeiras há tanto tempo aguardada (a taxa “Robin dos Bosques”), idealizada ao nível dos países G20, mas se necessário alargada a nível europeu;

 - Uma ajuda especial a longo prazo para os jovens, talvez o grupo mais atingido pela crise com taxas de desemprego elevadíssimas que atingem 40% em alguns países/ regiões;

- Políticas industriais que promovam a produção Europeia e acelerem o desenvolvimento de uma economia assente em baixas emissões de carbono e sustentável;
- Um reforço da Europa Social, com a adopção das características chave do relatório Monti sobre o mercado único, incluindo o protocolo de Progresso Social, que deverá ser anexado ao próximo Tratado da União Europeia;
- Iniciar um processo de transformação do capitalismo, a partir do modelo, fortemente baseado no capitalismo financeiro e no aumento das desigualdades, que cresceu rapidamente ao longo dos últimos 30 anos, num sistema mais sustentável, verde, de longo prazo e mais igualitário, em que os lucros são obtidos através da produção e não através da aposta em instrumentos financeiros socialmente inúteis;
- Novas orientações equilibradas a nível económico e de emprego que substituam as actuais, que colocam quase todo o peso do ajustamento nos países com défice elevado, impondo aos países com excedentes pequenas obrigações para a promoção do crescimento salarial e da procura interna.

A Ameaça da Extrema Direita

8. A CES está a lançar uma nova campanha para o Crescimento, Emprego e a Europa – e contra as forças nacionalistas e racistas na Europa. As políticas económicas de cortes rigorosos numa recessão assemelham-se às dos anos 30, que originaram rapidamente nessa década do desastre económico à catástrofe política, à medida que floresciam as forças do nacionalismo, do racismo e do militarismo. Isto não pode voltar a acontecer e a CES deverá desempenhar um papel preponderante no sentido de o assegurar.
9. A História mostra-nos essa direcção e essa parece ser de facto a direcção dominante na UE de hoje. Os resultados e as tendências recentes indicam uma viragem para a direita:
 - As eleições regionais francesas em que a Frente Nacional obteve avanços;
 - Os avanços da Liga do Norte em Itália;
 - A vitória do centro-direita na eleição geral na Hungria, com os Nacionalistas a entrar no parlamento pela primeira vez;

- A campanha – felizmente uma campanha mal sucedida – do candidato da extrema-direita à Presidência Austríaca, que obteve o apoio do tablóide mais vendido no país;

- Na Bélgica o Vlaams Belang, partido separatista de extrema-direita foi aceite por parte de alguns partidos tradicionais de direita, prevendo-se que os partidos separatistas obtenham um bom resultado na próxima eleição geral;

- Na Europa central e oriental os antigos inimigos – judeus, ciganos e as minorias nacionais – tornaram-se alvos da extrema-direita.

10. A CES está muito atenta a esta tendência. Na depressão dos anos 30 a Europa virou-se mais para a direita do que para a esquerda, com consequências desastrosas.

Acção da CES

- Uma Cimeira para o Crescimento

11. A CES exige uma Cimeira Social de emergência para planear a retoma do crescimento na economia Europeia. Os sindicatos devem-se preparar para militarem contra a imposição injusta dos pacotes de austeridade, mas também devem estar preparados para participar nos difíceis processos de definição de estratégias de saída da crise, que passam pela atribuição de uma carga justa aos mais fortes, os ricos e confortáveis. Esta é a mensagem de base da CES – Não ao pânico, não às saídas precipitadas da crise. Sim ao recurso ao diálogo social para discutir quando e o que fazer para permitir que a UE possa criar estratégias de crescimento e de criação de emprego.

- Mobilização Sindical Europeia

12. A CES organizará um Dia Europeu de Acção a 29 de Setembro, de forma a coincidir com uma reunião dos Ministros das Finanças Europeus.

13. A CES organizará uma resposta Europeia colectiva em resposta a um movimento colectivo por parte dos Governos Europeu de diminuição das despesas públicas, incluindo os empregos, os salários e as pensões, num momento em que a economia continua frágil e vulnerável a uma nova recessão. Esta reacção centrar-se-á numa manifestação em Bruxelas. Mas ao mesmo tempo a CES apela aos seus membros que se empenhem ao máximo em todos os países da União Europeia. Esta participação poderá tomar a forma de paragens de trabalho, manifestações, reuniões com os Ministros das Finanças, etc.

14. A CES apoia também o Dia Mundial do Trabalho Digno a 7 de Outubro, organizado pela CSI.

Nota: Tradução da responsabilidade da UGT, baseada nas versões francesa e inglesa